

O Cerrado segue na luta por um lugar nos playoffs do Novo Basquete Brasil (NBB). Na tentativa de manter o sonho de classificação vivo, o time verde enfrenta o Pinheiros, às 16h, no ginásio da Asceb. A equipe candanga precisa de vencer para seguir com chances. A realização da partida, porém, está em xeque devido ao lockdown imposto pela justiça no Distrito Federal e acontecerá somente se o GDF derrubar a decisão a tempo. Ontem, o Brasília se despediu da competição com novo revés. Desta vez, o tropeço foi diante do Mogi, por 97 x 77.

SUPERCOPA Conheça a história de paixão do brasileiro Aurélio Sousa pelo Palmeiras. Fanático torcedor alviverde, o empresário de 58 anos preserva riquezas e conquistas dos 106 anos do clube em um museu pessoal

Reduto de uma paixão

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

DANILO QUEIROZ

Cada torcedor carrega a paixão pelo seu time de coração de uma maneira específica. No caso do empresário Aurélio Sousa, 58 anos, o fanatismo pelo Palmeiras é nítido logo ao chegar à sua residência, nas margens da BR-251, um reduto recheado de menções ao clube. Indo muito além do trecho do hino palmeirense “torcida que canta e vibra”, o brasileiro materializou o amor pelo alviverde ao longo dos anos. O acervo colecionado deu vida a um museu para retratar a rica cultura da centenária agremiação. Por lá, é possível encontrar de tudo: camisas, troféus e medalhas das competições vencidas pelo time, além de outras peças dos mais variados significados e raridades.

A paixão de Aurélio pelo clube começou nos anos 1960. Nascido em uma família de botafoguenses, Aurélio torceu para o alvinegro até os seis anos. Porém, se encantou pelo Palmeiras durante uma vitória sobre os cariocas. “Meu irmão estava assistindo televisão e eu sentei ao lado dele. Acabou o jogo: 3 x 1. Eu perguntei: ‘que time é esse que ganhou do Botafogo?’ Na minha inocência de criança, se ele falou que o Botafogo é bom e o Palmeiras ganhou, ele é muito melhor”, conta. Com o passar dos anos, o amor pelo alviverde foi se multiplicando. Nem mesmo uma das piores fases do clube — um jejum de títulos entre 1977 e 1993 —, impediu o aflorar do sentimento. “Hoje é muito fácil ser palmeirense”, brinca.

O amor materializou-se quando Aurélio decidiu guardar qualquer item relacionado ao alviverde. Com a dificuldade encontrar, até mesmo, uniformes do time em Brasília, os mais simples objetos eram valorizados. Com os anos, a coleção tomou proporção e não era mais possível deixar tudo em casa. “Tenho milhares de itens. Nem sei quantos com exatidão.” Incentivado pela esposa, criou um espaço exclusivo para as raridades. No museu pessoal, o empresário tem, por exemplo, cópias idênticas dos troféus conquistados pelo Palmeiras ao longo dos 106 anos de história. Entre eles estão as taças da Copa Rio de 1951, do Campeonato Paulista de 1993 e da Libertadores de 1999.

“Desde os 13 anos, eu guardava tudo. Quando ia a São Paulo, pas-



Empresário de Brasília conserva acervo da história alviverde, incluindo peças em alusão à Copa Rio de 1951. “Isso não tem valor financeiro para mim”



Espaço conta com diversos troféus conquistados pelo clube paulista

sava nas bancas de jornais e seguia muitas coisas raras. Depois, comprei e ganhei itens através de contatos. É um prazer enorme fazer isso em nome da Sociedade Esportiva Palmeiras. Estou preservando uma história magnífica. É o maior campeão do Brasil. É uma dívida ser palmeirense”, vibra. Lotado de história, o museu alviverde de Aurélio ocupa um espaço de cerca de 50 metros qua-

drados. Com a boa fase e os títulos em sequência, o palmeirense imagina ter a necessidade de ampliar o local em breve. “Temos um ditado: ‘o passado é gigante, mas nosso futuro será ainda maior.’”

Nas aventuras para angariar raridades, Aurélio conseguiu itens que nem mesmo o clube possui. “Hoje, o costume é trocar flâmulas. Nos anos 60, eram pratos de prata. O Palmeiras é o clu-



Placas e jornais antigos retratando grandes feitos compõem o ambiente

be com mais títulos do torneio Ramón de Carranza, da Espanha. Um dos pratos ficou na família do capitão do Barcelona, à época. Um rapaz me deu uma dica de que iam vender. Minha esposa estava na França, foi à Espanha e pegou. Dois estão no museu: 1969 e 1975. É uma coisa raríssima, nem o clube tem. É um item fantástico”, derrete-se. Um pequeno chaveiro de couro com fotos dos

atletas campeões em 1951 também é listado com um dos preferidos do torcedor. “Isso não tem valor financeiro para mim”.

Outdoors

Em Brasília, Aurélio ganhou notoriedade entre os palmeirenses em 2019. Após o decacampeonato brasileiro do Palmeiras, conquistado no ano anterior, o

PROGRAME-SE

Flamengo x Palmeiras

11 de abril - 11h - Mané Garrincha (Brasília)

Portões fechados

Transmissão: Globo e SporTV

“É um prazer enorme fazer isso em nome da Sociedade Esportiva Palmeiras. Estou preservando uma história magnífica. É o maior campeão do Brasil. É uma dívida ser palmeirense”

Aurélio Sousa, torcedor do Palmeiras

torcedor espalhou outdoors celebrando a conquista pelo Distrito Federal. O feito era para ser anônimo, mas, mesmo sem assinar as artes, acabou relacionado a ele. “Não contei isso para ninguém, nem minha família. Depois saiu uma matéria e fiquei conhecido nacionalmente. Em São Paulo, as pessoas me param para tirar foto e eu fico muito feliz com isso. É um reconhecimento”, ressalta. A ideia foi repetida em 2020, após a tríplice coroa.

Com a possibilidade de ver o alviverde ganhar dois títulos em poucos dias em sua cidade natal, Aurélio cogita, até mesmo, uma nova homenagem. “Estive pensando nisso. Mas, como dizem, o título só se comemora quando o jogo acaba. Espero que o Palmeiras saia campeão dessa contenda”, conteve-se. Lamentando a impossibilidade de ir ao Mané Garrincha — as partidas serão disputadas sem público devido às restrições para impedir a disseminação da covid-19 —, o empresário irá, novamente, acompanhar as decisões em seu reduto alviverde.

Gabigol: títulos e invencibilidade no Mané

MARCOS PAULO LIMA

No domingo, na final da Supercopa do Brasil, Gabriel Barbosa voltará a um palco especial da carreira. No Mané Garrincha, casa da primeira decisão nacional de 2021, o atacante deu o primeiro passo como profissional e marcou gols importantes em caminhadas que culminaram em títulos. Íntimo do estádio, defenderá, ainda, uma invencibilidade de oito jogos no local.

Em 2013, Gabi estreou como profissional na arena candanga. O então menino da Vila tinha 16 anos quando entrou no lugar do centroavante Henrique Dourado no empate do Santos por 0 x 0 com o Flamengo pela primeira rodada do Brasileirão 2013. Era o início de uma relação de sorte com o estádio. Naquele dia, o centro das atenções era outro. Neymar chorou no Hino Nacional. Era a despedida dele do clube rumo ao Barcelona.

Neymar foi para a Europa, Gabriel Barbosa honrou a badalada da infância e provou que é Gabigol, virou ídolo alvinegro e transformou o Mané Garrincha em uma espécie de casa de festas. A campanha da inédita conquista da medalha de ouro nos Jogos Olímpicos do Rio-2016 começou com dois empates no Mané Garrincha contra África do Sul e Iraque.

A pressão pelo título fez a geração de Gabigol, Gabriel Jesus, Luan, Rodrigo Caio e Neymar amadurecer na caminhada até o triunfo sobre a Alemanha nos penaltis, no Maracanã. O time engrenou contra a Dinamarca, em Salvador; cresceu no duelo com a Colômbia, em São Paulo; e deu pinta de campeão contra Honduras, no Maracanã, antes da conquista sobre os germânicos.

Outros dois títulos estampados no currículo de Gabigol passaram pelo Mané Garrincha. Comandou

Andre Borges/CBF



Rubro-negro volta ao palco onde acumulou momentos importantes

duas vitórias na arena. Marcou o segundo nos 2 x 0 contra o CSA. Depois, abriu o placar nos 3 x 0 contra o Avaí, ambos na campanha que rendeu ao clube o hepta no Campeonato Brasileiro de 2019. Marcou duas vezes nos 4 x 1 sobre o Vasco.

No Mané Garrincha, Gabriel comemorou bola na rede até com cartaz customizado para a passa-

gem dele pelo estádio na decisão da Supercopa do Brasil 2020 contra o Atlético-PR. Foi dele o primeiro gol na vitória por 3 x 0 contra o Furacão. Os outros foram a Recopa Sul-Americana e o Campeonato Carioca. A arena também trouxe sorte contra o Palmeiras: vitória por 2 x 0 em Brasília, pelo Brasileirão.

Times chegam em clima de incerteza

Na tarde de ontem, a realização da Supercopa do Brasil em Brasília ganhou um novo ponto de interrogação. Em nova batalha na guerra de liminares, o desembargador federal Souza Prudente determinou que o Distrito Federal retome as medidas de restrição ao comércio e atividades não-essenciais (leia mais na página 13). Com isso, quatro grandes eventos esportivos previstos para a cidade ficam em xeque. Além do torneio nacional, estão previstos jogos da Libertadores, Recopa Sul-Americana e a reta final da etapa classificatória do Novo Basquete Brasil (NBB), que está sendo disputada na capital até 13 de abril.

Libertadores

O Grêmio inicia a busca por uma vaga na fase de grupos, às 19h15, contra o Independiente Del Valle, no Defensores del Chaco, em Assunção, no Paraguai. Antes marcado para o Equador, o jogo foi transferido devido ao surto de covid-19 no elenco do Tricolor.

Em relação à Supercopa, o clima na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) é de confiança em uma nova reviravolta. Ao Correo, a entidade máxima do futebol brasileiro disse confiar no sucesso de um recurso prometido pelo governador Ibaneis Rocha. O planejamento segue o mesmo: ontem, a taça da competição nacional chegou ao Brasília. Hoje, será a vez de Flamengo e Palmeiras. O rubro-negro desembarca na capital às 18h e se hospedará no B Hotel, no Setor Hoteleiro Norte. O Palmeiras pausa em solo candanga às 22h.